



Marcílio aos embaixadores do G-7: "Brasil espera compreensão dos países ricos"

Marcílio vive longo dia de tensão

Eli Teixeira

BRASÍLIA — Preocupado com as dificuldades que o Clube de Paris vinha colocando desde segunda-feira para renegociar a dívida brasileira de US\$ 21 bilhões, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, convocou ontem, no final do dia, uma reunião com todos os embaixadores dos países ricos (Grupo dos 7) e mostrou que o programa de estabilização econômica do Brasil sairia prejudicado caso não se chegasse a um acordo que pudesse ser cumprido pelos brasileiros. Enfático, o ministro lembrou que os países que estavam dificultando em Paris eram os mesmos que aprovaram a carta de intenções apresentada ao Fundo Monetário Internacional (FMI). "O Brasil espera que haja a mesma compreensão manifestada em janeiro, na reunião do board do FMI, em Washington."

O encontro de Marcílio com os embaixadores e encarregados de negócios durou 40 minutos e o ministro foi questionado principalmente sobre a capacidade de pagamentos do país. O encarregado de negócios do Japão fez a maior parte das perguntas. Marcílio afirmou que o Brasil não tinha condições de pagar o que os bancos centrais dos 12 países do Clube vinham exigindo. "Temos boa vontade, mas não podemos arcar com parcelas que superem nossa capacidade de pagamentos", afirmou.

Marcílio decidiu se encontrar com

os embaixadores depois de receber uma ligação, pela manhã, do presidente do Banco Central, Francisco Gros, que lidera a equipe brasileira em Paris. Gros, pela primeira vez, estava pessimista. Explicou que a equipe passara toda a noite reunida e se encontrava exausta. Alguns pontos haviam sido superados à noite, como a possibilidade de se reduzir a concentração de pagamentos nos dois primeiros anos do acordo. O Brasil também cedeu e já havia baixado o prazo do reescalonamento da dívida, inicialmente proposto em 18 anos. Os países ricos, no entanto, não concordavam com a proposta brasileira de fazer pagamentos semestrais sempre no mesmo valor.

Pessimismo — Foi com a imagem transmitida de manhã por Francisco Gros que Marcílio, admitiu, às 10h de ontem, ao abrir a reunião do Conselho Monetário Nacional, que a equipe brasileira que se encontrava na capital francesa renegociando a dívida com o Clube de Paris poderia interromper as conversões, "talvez por uma semana", e voltar a Brasília, por causa das dificuldades. "É uma negociação estafante, inclusive porque as duas delegações ficam em salas separadas, com uma pessoa indo de um lado para o outro. Uma coisa psicologicamente cansativa."

Ao voltar ao seu gabinete, após o encontro com os embaixadores, por volta das 19h (de Brasília), Marcílio recebeu nova ligação de Francisco Gros, desta vez totalmente tranquiliza-

dora. À tarde, pouco antes do ministro se reunir com os embaixadores, os representantes do Clube de Paris começaram a ceder e já se aventava inclusive a possibilidade de novos financiamentos ao Brasil nos próximos anos.

Para o ministro da Economia, a dificuldade maior se resumia à capacidade brasileira de remeter dólares ao exterior. Ele explicou ao CMN que os pagamentos ao Clube de Paris se concentram nos próximos dois anos e isso sobrecarrega o Brasil. A equipe brasileira propôs pagar a dívida (o total bate nos US\$ 22 bilhões) em 18 anos, prazo que foi contestado pelo Clube de Paris. "Por isso, agora estamos procurando um meio-termo", informou o ministro ao CMN, pouco antes do meio-dia.

No Ministério da Economia, desde a semana passada, havia um clima de que o acordo sairia em um ou dois dias. Os representantes brasileiros, no entanto, foram surpreendidos pelas exigências dos governos que integram o Clube de Paris. Uma negociação que parecia ser extremamente fácil, acabou provocando sobressaltos na equipe econômica. Marcílio chegou a dizer ao CMN que pretendia se encontrar na semana que vem com banqueiros, em Nova Iorque, para acelerar a renegociação da dívida de US\$ 42 bilhões com bancos privados estrangeiros, com ou sem acordo com o Clube de Paris. "Até o fim deste semestre queremos normalizar toda a situação com a área internacional", previu.